



ISSN 2763-6739



MESTRADO
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes*

<https://orcid.org/0000-0001-5775-3431>



<http://lattes.cnpq.br/7248935515571844>



Cláudio Rodrigues da Silva**

<https://orcid.org/0000-0001-9036-3101>



<http://lattes.cnpq.br/3558697658348658>



RESUMO: Apresentam-se, neste artigo, resultados de estudo com o objetivo de problematizar aspectos da representação do “homem pobre rural”, em especial no que se refere ao domínio e/ou à aplicação de conhecimentos escolares – principalmente a leitura, a escrita e o cálculo –, bem como aspectos da presença ou da ausência de imagens e/ou de falas que remetem à escola e/ou à educação escolar em cinco produções cinematográficas brasileiras da década de 2000 que abordam, direta ou indiretamente, a questão do rural. Essas produções cinematográficas são: “Eu, tu, eles” (2000), “Tapete vermelho” (2006), “Os narradores de Javé” (2004), “Dois filhos de Francisco: a história de Zezé di Camargo & Luciano” (2005) e “Vida de menina” (2005). Constatam-se, com especificidades relativas a cada produção cinematográfica, ausências da escola e/ou da educação escolar, bem como presenças, porém, majoritariamente pautadas por concepções consoantes com o pensamento hegemônico na sociedade brasileira acerca do campo, inclusive no que se refere à dicotomia e à relação hierárquico-vertical entre campo e cidade, o que tem implicações políticas, econômicas e culturais, especialmente para a área da educação escolar. As produções cinematográficas selecionadas apresentam algum nível de consonância com apontamentos constantes em bibliografia atinente à história da educação brasileira, em especial no que se refere à escolarização dos povos do campo

Palavras-chave: História da educação. Educação do campo. Cinema.

* Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, agnes.moraes@uems.br

** Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, silvanegrao@gmail.com

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

DOES THE "RURAL POOR MAN" STUDY? - SCHOOL AND SCHOOL EDUCATION IN BRAZILIAN FILMS OF THE 2000'S THAT APPROACH RURAL AND RURALITY

ABSTRACT: Study results are presented with the objective of problematizing aspects of the representation of the "rural poor man", regarding the mastery and/or application of school knowledge, as well as the presence or absence of images and/or speeches that refer to school and/or school education in five Brazilian films of the 2000s that address the issue of rural and rurality. These films are: "Eu, tu eles" (2000), "Tapete vermelho" (2006), "Os narradores de Javé" (2004), "Dois filhos de Francisco: a história de Zezé di Camargo & Luciano" (2005) and "Vida de menina" (2005). With specificities related to each film, there are absences from school and/or school education, as well as presences, but mostly based on conceptions consistent with hegemonic thinking in Brazilian society about the countryside, including the dichotomy and the hierarchical-vertical relationship between the countryside and the city, which has political, economic and cultural implications, especially for the area of school education.

Keywords: History of education. Rural education. Cinema.

¿ESTUDIA EL “POBRE RURAL”? – ESCUELA Y EDUCACIÓN ESCOLAR EN LAS PELÍCULAS BRASILEÑAS DE LA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAN LO RURAL

RESUMEN: En este artículo se presentan resultados de un estudio con el objetivo de problematizar aspectos de la representación del “pobre rural”, especialmente en lo que se refiere al dominio y/o aplicación de los conocimientos escolares - principalmente lectura, escritura y cálculo-, así como aspectos de la presencia o ausencia de imágenes y/o discursos que aluden a la escuela y/o la educación escolar en cinco producciones cinematográficas brasileñas de la década de 2000 que abordan directa o indirectamente la cuestión rural. Estas producciones cinematográficas son: “Eu, tu, elas” (2000), “Alfombra roja” (2006), “Los narradores de Javé” (2004), “Dos hijos de Francisco: la historia de Zezé di Camargo & Luciano” (2005) y “Girl life” (2005). Hay, con especificidades relacionadas con cada producción cinematográfica, ausencias de la escuela y/o de la formación escolar, así como presencias, sin embargo, mayoritariamente guiadas por concepciones en consonancia con el pensamiento hegemónico en la sociedad brasileña sobre el campo, incluso en lo que se refiere a la dicotomía y la relación jerárquica-vertical entre campo y ciudad, que tiene implicaciones políticas, económicas y culturales, especialmente para el área de la educación escolar. Las producciones cinematográficas seleccionadas presentan cierto nivel de consonancia con notas constantes en la bibliografía sobre la historia de la educación brasileña, especialmente en lo que se refiere a la escolarización de los pueblos rurales.

Palabras clave: Historia de la educación. Educación de campo. Cine.

1. INTRODUÇÃO

No cinema brasileiro, “o homem pobre rural” estuda?¹ Esse foi um dos questionamentos iniciais que instigaram à realização deste estudo. Não raramente o campo e os povos que nele vivem, mais especificamente o “homem pobre rural”², são apresentados em determinados filmes brasileiros como expressão do arcaico, em oposição à cidade e suas populações, apresentadas como expressão do progresso, da urbanidade e do moderno, oposição essa recorrentemente presente, em diferentes momentos históricos, em produções discursivas hegemônicas e também no senso comum (MORAES, 2019; TOLENTINO, 2001; WILLIAMS, 1989).

A escola oficial, não sem contradições, tem relações intrínsecas com essa prática, uma vez que, sendo um aparelho do Estado, foi concebida para reprodução do projeto hegemônico de sociedade e de educação que, no Brasil, em especial nas primeiras décadas do século XX, esteve empenhada inclusive em disciplinar e urbanizar – de uma perspectiva eminentemente sanitarista –, os povos do campo que conseguiam acesso à escola (CARVALHO, 2003; MORAES, 2014; MOTA, 2010).

A questão da educação *para, no* ou *do*³ campo configura-se como um assunto importante e estratégico em diferentes sentidos, tanto da perspectiva do tempo passado quanto do tempo presente. De uma perspectiva hegemônica, os povos do

¹ Agradecimentos especiais à Profa. Dra. Célia Aparecida Ferreira Tolentino – que dedicou décadas de sua vida à educação pública e à temática do rural – pelas interlocuções acerca de questões tratadas neste texto. Isso, no entanto, não implica responsabilidade dessa professora em relação aos posicionamentos expressos neste texto.

² Formulação de Tolentino (2001), ao analisar “o rural no cinema brasileiro”. Com as necessárias mediações, toma-se, neste texto, “homem pobre rural” como sinônimo de povos do campo, especialmente por uma característica-chave, qual seja, recorrendo à formulação de Antunes e Alves (2004), vivem do próprio trabalho. Não se desconsidera, neste texto, a amplitude da categoria povos do campo (WELCH, 2012), as implicações relacionadas à questão de gênero e educação no campo, nem os debates em torno das especificidades das categorias rural e campo, especialmente na área da educação (CALDART, 2012; RIBEIRO, 2012).

³ A opção por fazer referência à educação *para* o campo fundamenta-se no entendimento de que, partindo de apontamentos de Caldart (2012) e de Ribeiro (2012), a educação pública propiciada aos povos do campo é, majoritariamente, uma educação rural, ou seja, *para* os povos do campo, e não uma educação *do* campo, concebida e executada a partir da perspectiva desses povos. Noutras palavras, não necessariamente a educação escolar propiciada aos povos do campo está em consonância plena com as diretrizes ou com os princípios da Educação do Campo.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

campo são apresentados como residuais, em progressivo e inevitável decréscimo. Isso tem relações, entre outras questões, com o fato de o Brasil ser apresentado, por determinados setores, como um país urbano-industrial, tema que se configura como uma histórica querela (MORAES, 2014; 2019).

Considerando-se dados do último Censo Demográfico do Brasil, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os povos do campo perfazem um total de 15,65 % das populações nacionais, equivalentes, em números absolutos, a 29.852.986 pessoas. Esses povos apresentam especificidades, inclusive no que se refere aos aspectos étnico-culturais e econômicos (WELCH, 2012).

No Brasil, o campo tem sido tornado, cada vez mais, espaço e objeto de disputas⁴ e de conflitos de diversas ordens, envolvendo, de um lado, principalmente setores direta ou indiretamente vinculados ao latifúndio e ao agronegócio, e, de outro lado, povos do campo e suas organizações, especialmente movimentos sociais. Destaca-se, na atualidade, a crescente ocorrência de perseguições, assassinatos e chacinas de pessoas ligadas a movimentos de resistência e de luta pela terra no Brasil (PALUDETO, 2020; WELCH, 2012).

Ferraro (2009 apud PERES, 2012) aponta relações intrínsecas entre latifúndio e analfabetismo. O domínio dos conhecimentos escolares é importante, se não indispensável, para o exercício de determinados direitos de cidadania, configurando-se também como um recurso necessário para a interlocução com o aparelho de Estado, especialmente em se tratando de sociedades grafocêntricasalfabéticas, como é o caso do Brasil.

A arte e suas linguagens, que incluem o cinema, não são isentas das concepções hegemônicas na sociedade e podem retratar ou mesmo servir de veículo de difusão de concepções que podem contribuir para reiterar ou problematizar

⁴ O campo configura-se – recorrendo a uma categoria bourdieusiana (BOURDIEU, 1974) – como um “campo” de/em disputa. Destacam-se, na atualidade, novos desafios, em âmbitos nacional e internacional, relacionados ao rural e à ruralidade (BERNSTEIN, 2011; MARTINS, 2001; SOTO, 2006).

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

determinadas representações sociais ou estereótipos em relação aos povos do campo (SANTOS NETO, 2011; TEIXEIRA, 2012; TOLENTINO, 2001). Em determinadas situações, o domínio dos conhecimentos escolares é desejável ou necessário para a participação e apropriação de manifestações artístico-culturais, como, por exemplo, a literatura, o cinema – especialmente filmes legendados –, entre outras.

Diante disso, propõe-se, como objetivo deste estudo, problematizar aspectos da representação do “homem pobre rural”, no que se refere ao domínio e/ou à aplicação dos conhecimentos escolares, bem como da presença ou da ausência de imagens e/ou de falas que remetem à escola e/ou à educação escolar em cinco filmes brasileiros da década de 2000 que abordam a questão do rural.

Foram selecionados filmes de maior público que, em alguma medida, colocam, direta ou indiretamente, em tela a questão do rural. Essas produções foram escolhidas com base na lista de “Filmes Brasileiros Lançados - 1995 a 2011” da Agência Nacional do Cinema (ANCINE, 2012). Os filmes selecionados foram: “Eu, tu, eles” (2000), “Tapete vermelho” (2006), “Os narradores de Javé” (2004), “Dois filhos de Francisco: a história de Zezé di Camargo & Luciano” (2005) – doravante citado como “Dois filhos de Francisco” – e “Vida de menina” (2005).

Ressaltam-se a importância do cinema, com as devidas mediações metodológicas, para fins de estudos como este (SANTOS NETO, 2011; TEIXEIRA, 2012; TOLENTINO, 2001), bem como a relevância da diversificação das fontes de pesquisa (AGUIRRE ROJAS, 2014).

Os filmes são apresentados, neste texto, em ordem crescente de incidência de imagens e/ou de falas que remetem, direta ou indiretamente, à escola e/ou à educação escolar.

Para atingir o objetivo estipulado, foram problematizadas imagens e falas presentes nos filmes mencionados que, direta ou indiretamente, remetem à escola e/ou à educação escolar. Para isso, contou-se como aporte principalmente de bibliografias que tratam da história da educação, da Educação do Campo, assim como do rural no cinema.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

A intenção não é cobrar dos diretores a necessária presença de imagens ou de falas que remetam à escola e/ou à educação escolar, mas, sim, fazer uma problematização específica destes filmes com base no objetivo proposto neste texto. Há que se considerar que um filme possibilita numerosas interpretações, conforme os critérios, os interesses e as expectativas de quem as realiza e que não necessariamente conferem com as intencionalidades dos diretores. Entretanto, como ressalta Moraes (2010, p. 151), “[...] quem nos protege das interpretações?”

Por diversos fatores, a escola e/ou a educação escolar, assim como outras instituições e temáticas, podem ou não estar presentes nos filmes, conforme os respectivos roteiros, que resultam, partindo do que apontam Teixeira (2012) e Tolentino (2001), eminentemente de deliberações dos diretores. Portanto, ausências ou presenças, bem como as formas de cometimento dessas presenças ou ausências são intencionais. Diante disso, o que se pretende é, a partir do que se mostra (ou não) e/ou do que se fala (ou não) nesses filmes, fazer inferências e estabelecer relações com a bibliografia que trata da história da educação primária rural (SÃO PAULO, 1936; MORAES, 2014; 2019; SOUZA, 1998; 2009), do fechamento de escolas no campo (TORRES; SILVA; MORAES, 2014) e das representações acerca do campo e do “homem pobre rural” (SANTOS NETO, 2011; TOLENTINO, 2001), em especial no que se refere à educação escolar.

A motivação para a realização deste estudo decorreu principalmente dos seguintes fatores: 1) a bibliografia da história da educação aponta que a educação destinada aos povos do campo foi historicamente marcada por uma rede de escolas incipiente, insuficiente e precária, além de se tratar de uma concepção de educação escolar eminentemente urbanocêntrica (ALMEIDA JÚNIOR, 1944; SÃO PAULO, 1936; MORAES, 2014; 2019; SOUZA, 2009)⁵; 2) o campo e o “homem pobre rural”

⁵ Sabe-se que, no que tange à história das políticas educacionais para povos do campo, há especificidades no que se refere aos diferentes Estados ou Regiões do Brasil (MORAES, 2019). Porém, neste texto, para fins de problematização, priorizam-se de dados do Estado de São Paulo, sem desconsiderar essas especificidades e sem pretensão de generalizações.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

são, não raramente, apresentados no cinema de forma estereotipada (SANTOS NETO, 2011; TOLENTINO, 2001), inclusive em decorrência da condição de analfabeto, do não domínio dos conhecimentos escolares ou do baixo nível de escolaridade.

2 O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE OS FILMES SELECIONADOS

Apresentam-se, a seguir, apontamentos sobre presenças e ausências de imagens e de falas nos filmes selecionados, em conformidade com o objetivo e os critérios estabelecidos neste texto.

2.1 “Eu, tu, eles”

Em “Eu, tu, eles” (2000), dirigido por Andrucha Waddington, o roteiro gira em torno do cotidiano de Darlene, uma trabalhadora rural, que vive no sertão nordestino com seus maridos e filhos em uma mesma casa, o que, para os padrões sociais da época e local retratados, seria algo atípico (SOUZA, 2012).

A igreja é mostrada mais vezes no filme, talvez pelo fato de estar localizada no itinerário e na parada de ônibus, numa espécie de praça pública, ou seja, local central daquela localidade. A mercearia também aparece com recorrência, pois era o local onde ocorriam os forrós e parecia ser, se não o único, um dos poucos lugares de entretenimento coletivo. O filme apresenta dois falecimentos, daí o fato de o cemitério aparecer duas vezes, e o cartório aparecer uma vez, quando Osias registra seus quatro filhos.

Nesse filme, ainda que sejam recorrentemente apresentadas diferentes atividades cotidianas dos personagens, como, por exemplo, trabalho diário no canavial; busca de água e lavagem de roupas no açude; forró na mercearia; audição de rádio; nascimento de crianças; manejo de animais; preparação e consumo de alimentos; sexo; higiene e alimentação de crianças; barbearia; velórios; casamento;

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

conserto de bicicleta; conserto e construção de casa; festejos, entre outras, em momento algum são mostradas situações de aplicação, pelos protagonistas, dos conhecimentos escolares, em especial da leitura, da escrita e do cálculo, nem há menção à escola, exceto quando a protagonista Darlene, ao chorar por ter deixado um de seus filhos com um dito coronel, é consolada por Zezinho, um de seus maridos, com o seguinte argumento: “O menino vai estudar [...] vai para capital, vai ter uma vida melhor.” (00:29:16).

De alguma forma, a educação escolar faz parte do imaginário desse personagem como uma possibilidade de ascensão social ou de melhoria de vida. Trata-se de uma ideia recorrente entre amplos contingentes das populações, até porque isso faz parte da ideologia hegemônica (DAL RI; VIEITEZ, 2008; REIS FILHO, 1981). Entretanto, pode-se inferir que, para o acesso à escola na região e no momento histórico abordados no filme, não raramente seria necessária a migração para áreas urbanas e, por conseguinte, a separação da família e da comunidade, ou seja, a desterritorialização. Isso inviabilizava, em alguma medida, os estudos para o “homem pobre rural”, haja vista que, além das dificuldades ou inexistência de transportes, era/é comum que crianças e adolescentes, em especial de famílias economicamente pobres, ajudem nos trabalhos e na economia doméstica (DAL RI; VIEITEZ, 2008; GOUVEA; SCHUELER, 2012).

O filme sugere a prescindibilidade do uso da leitura e da escrita no cotidiano do “homem pobre rural”. Todos os trabalhos e atividades mostrados no filme, a rigor, não demandam leitura e escrita, inclusive no que se refere ao trabalho assalariado, no caso da protagonista, restrito ao corte manual de cana-de-açúcar.

Nesse filme o único meio de comunicação é o rádio que, a rigor, não demanda o domínio da leitura e da escrita para o seu manuseio. Outras situações que sugerem alguma relação com conhecimentos escolares é quando o rádio quebra e, nesse momento, Osias e Darlene fazem rápida referência à ciência, e quando Osias faz o registro de nascimento das crianças no cartório. Porém, Osias não aparece assinando ou lendo documentos, nem mesmo em outros atos envolvendo leitura ou escrita.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

Os produtos comprados pelos personagens para consumo cotidiano parecem majoritariamente de origem artesanal, portanto, aparentemente desprovidos de rótulos ou qualquer escrita.

Segundo Osias, Darlene era também responsável pelo recebimento da aposentadoria dele, entretanto, isso não permite concluir se ela dominava ou não a leitura e a escrita. Percebe-se que Darlene tinha algum conhecimento matemático, ainda que não necessariamente da matemática nos moldes escolares. Uma situação que sugere conhecimento e uso da matemática é quando ela recebe o pagamento por seu trabalho no canavial, entrega o numerário para Osias e diz que está faltando dinheiro: “Isso aí não é metade do que eles tinham pra pagá.” (00:23:15).

Sabe-se que há conhecimentos matemáticos além dos padrões escolares ou acadêmicos (CARRAHER; CARRAHER; SCHLIEMANN, 1988; D’AMBRÓSIO, 2005; PINTO, 2017). A escola oficial privilegia o registro escrito, enquanto entre determinados povos ou culturas predomina a oralidade, o que remete à questão da etnomatemática. Evidência disso são trabalhadores rurais que, mesmo não sendo alfabetizados, efetuam diversas transações comerciais com os produtos do seu trabalho, inclusive. A inadequação da escola oficial às especificidades dos povos do campo já era tematizada, por exemplo, pelos “ruralistas do ensino”, que, entre as décadas de 1930 e 1940, faziam críticas a partir de perspectivas conservadoras ao ensino urbanocêntrico (MORAES, 2014; 2019; SOUZA, 2009; WERLE; BRITO; NIENOV, 2007).

2.2 “Os narradores de Javé”

No filme “Os narradores de Javé” (2004), dirigido por Eliane Caffé, a questão central é a iminente inundação de Javé, para fins de construção de uma barragem e, por conseguinte, as mobilizações das populações locais, com vistas a escrever o “Livro da salvação”, nos moldes científicos, para apresentação às autoridades estatais, na tentativa de evitar a construção da barragem e, conseqüentemente, a inundação do vale (MATOS, 2008).

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

São mostradas, nesse filme, as seguintes instalações, por ordem de maior incidência: igreja, boteco, armazém, Correios e barbearia, que funciona sob uma árvore.

Não é mostrado o prédio da escola, entretanto, a temática da leitura, da escrita e da ciência perpassa parte expressiva desse filme. Contudo, ainda que se possa inferir que não havia escola, nada impediria que projetos de educação escolar ou de educação popular ocorressem em uma casa qualquer ou mesmo no espaço da igreja, inclusive porque a reunião inicial do povo de Javé para discutir a inundação ocorreu nesse espaço. Entretanto, pela própria dinâmica do filme e pela incumbência atribuída a Biá, pode-se inferir que naquele povoado não havia escola nem mesmo projetos de alfabetização. São mostrados, durante o filme, dois personagens, além de Biá, que parecem ter algum nível de domínio da leitura ou da escrita.

Nesse filme é recorrente a valorização da leitura, da escrita e da ciência. Essa valorização decorre de uma necessidade específica e urgente, qual seja, a escrita do “Livro da salvação”, para tirar as águas do caminho de Javé.

A redação desse Livro demandava domínio da escrita conforme a norma culta da Língua Portuguesa, ou, na expressão dos personagens, da escrita e da história científicas. A questão do registro escrito e da memória oral é um ponto de tensão recorrente no que se refere à educação escolar destinada aos povos do campo, mais especificamente ao “homem pobre rural”. Isso porque a escola oficial, um aparelho do Estado, organiza-se em conformidade com a lógica burocrática e hegemônica, pautada pelo registro escrito e formal.

2.3 “Tapete vermelho”

Em “Tapete vermelho” (2006), dirigido por Luiz Alberto Pereira, talvez pelo fato de o objetivo principal do filme estar relacionado ao cumprimento da promessa efetuada por Joaquim Silva (o Quinzinho) a seu pai de que levaria Neco (filho de Zulmira e de Quinzinho) ao cinema para assistir a um filme de Mazzaropi, o cinema é

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

a instalação que mais aparece, tanto em imagens, quanto em falas dos personagens.

Nesse filme não há imagens que remetem à escola. Todavia, em determinada cena, Quinzinho faz menção ao fato de Neco estar em férias escolares, o que tornava oportuna a viagem. Há alguns momentos em que é explícito ou sugerido o uso ou domínio da leitura. Um deles é quando, durante a viagem para assistir ao filme, os personagens estão procurando um local para almoçar e, ao encontrarem, Neco lê a placa na porta do restaurante. “Aqui come-se bem paga-se pouco.” (00:33:18). Outro momento é quando Quinzinho, na delegacia de polícia, é inquirido pelo delegado: “O senhor sabe ler e escrever?”, e Quinzinho responde: “Malemá”, ao que o delegado replica: “Ignorante! Mas baderna o senhor sabe fazer.” (01:10:27).

Há, ainda, outro momento que sugere a prática de leitura. É quando Quinzinho, ao visualizar uma loja denominada “Armarinho Mazzaropi”, parece efetuar a leitura desse nome, pois ele se dirige, de forma assertiva, ao seu proprietário. Entretanto, isso não necessariamente implica domínio da leitura e da escrita, pois há situações em que pessoas não alfabetizadas recorrem a variadas estratégias para lidar com as necessidades cotidianas, o que remete, como apontado, à questão da etnomatemática (D’AMBRÓSIO, 2005; PINTO, 2017) e da leitura de mundo (FREIRE, 1989).

Chama a atenção também o fato de que, quando Quinzinho entra em uma igreja, onde antes funcionava um cinema⁶, e recebe autorização para verificar algumas latas de filmes que estão para serem descartadas, identifica um filme de Mazzaropi e faz a leitura silabada do título, impresso na lata.

No entanto, Zulmira não é apresentada em alguma situação que desse indícios se ela tinha ou não algum conhecimento de leitura e de escrita. Naquele momento era comum maior índice de analfabetismo entre mulheres do que entre homens, principalmente no campo. Isso, em especial no que se refere a mulheres

⁶ No momento retratado no filme, era comum inclusive em pequenas cidades haver cinema. Entretanto, verifica-se que em algumas das cidades pelas quais eles passaram, os cinemas foram fechados.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

economicamente pobres, pode estar relacionado a diversas razões, como, por exemplo, ser mulher, viver no campo (o que tendia a implicar longos ou demorados deslocamentos para acesso à escola), falta de condições financeiras, necessidade de ajudar na economia doméstica e nos trabalhos familiares (cuidar da casa, dos irmãos, dos filhos), dentre outros fatores, que tendem a configurar, em determinadas circunstâncias, diversas interseccionalidades.

Esse filme é gravado e retrata uma parte do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. Ainda que essa região seja composta por diversos municípios de diferentes portes, inclusive municípios pequenos e eminentemente agrícolas, como demonstrado no filme, trata-se de uma região localizada num espaço economicamente privilegiado desse Estado, relativamente próxima à capital e com várias indústrias de tecnologia de ponta.

Cotejando o filme “Eu, tu, eles”, que retrata uma região economicamente pobre do Nordeste brasileiro, com o filme “Tapete vermelho”, que retrata uma das regiões economicamente mais ricas do Estado de São Paulo e do país, pode-se inferir que o campo, independentemente de se tratar das regiões mais ricas ou mais pobres, era/é preterido em termos de instalação de equipamentos públicos de uso coletivo nas áreas da saúde, da cultura, da educação, dentre outras. Todavia, não se desconsidera as diversas realidades do campo no Brasil, um país de dimensões continentais e com significativas desigualdades econômicas entre os diferentes entes federados e regiões.

2.4 “Dois Filhos de Francisco”

“Dois Filhos de Francisco” (2005), dirigido por Breno Silveira, registra o empenho de Francisco (pai de Zezé di Camargo e de Luciano) para tentar propiciar um futuro melhor para seus filhos, por intermédio da profissionalização e da escolarização.

Nesse filme, talvez por estar relacionada ao seu roteiro, a instalação que mais

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

aparece é a rádio/gravadora, até porque o objetivo de Francisco era tornar dois de seus filhos cantores profissionais de música dita sertaneja. Era nesse espaço que Francisco tentava inserir seus filhos e também que os meninos apresentavam-se e tinham uma espécie de formação prática em serviço, além de ser um local onde poderiam sair do anonimato e constituir seu repertório e, assim, escaparem da sina de terem que enfrentar o árduo trabalho na roça ou de fazer “faxina” para outras pessoas, conforme adverte Francisco.

Esse é, entre os filmes selecionados⁷, o que a educação escolar para o “homem pobre rural” é, considerando-se o objetivo deste texto, mais enfatizada, tanto em imagens quanto em falas, ainda que essas cenas sejam restritas a poucos instantes. No entanto, convém destacar – como ressalta Teixeira (2012), ao analisar as representações da periferia no cinema brasileiro – que esses momentos, ainda que restritos a poucos minutos, se considerados em relação ao tempo total do filme, são expressivos.

Destaca-se um diálogo, no início do filme, entre Francisco (pai) e Helena (mãe), em que fica explícita a preocupação dele com o futuro de seus filhos: “Filho meu tem que ser alguém nessa vida, Helena. E se esse menino não tiver mesmo jeito pra música? Faz o que com ele? [...] Vai passar a vida arano terra pros outros?” (00:10:26).

Noutro momento, essa preocupação também aparece quando Francisco questiona novamente Helena sobre o futuro de seus filhos: “Então fala pro seu filho que ele vai fazer faxina. É isso que você quer? Fala pra ele. Ele vai fazer faxina. Fala pra ele.” (01:04:38).

Uma cena que chama a atenção é quando a parede de um dos cômodos da casa onde mora essa família aparece derrubada e o pai de Helena, dono da casa e das terras, questiona o que está sendo feito naquele cômodo. Ao ser informado que o objetivo era construir uma escola para as crianças, ele replica: “Escola pra quê? Pra

⁷ Considerar especificidade de “Vida de menina” (2005), conforme exposto no tópico 2.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

eles virá vagabundo?” (00:11:28)⁸.

Constatam-se diferentes posturas, ao se comparar os posicionamentos opostos de Francisco e do pai de Helena, se se considerar a ênfase dada à educação escolar, que, numa acepção liberal, que permeia o senso comum, é apresentada como alternativa de redenção ou ascensão social (GOUVEA; SCHUELER, 2012; REIS FILHO, 1981). Isso remete a históricas polêmicas em torno da educação escolar para os povos do campo, especialmente para o “homem pobre rural”.

Ressalta-se, ainda, a cena em que Francisco procura o prefeito da cidade para exigir a instalação de uma escola no sítio e argumenta: “Dr. prefeito Neli, estudar é lei, eu ouvi no rádio⁹. O senhor faz o que o senhor achar melhor.” (00:11:53). Para que o Estado cumprisse sua obrigação, foi necessário Francisco cobrar o prefeito, com base na lei. Se Francisco, assim como ocorre com parte expressiva das populações, não soubesse desse direito e não cobrasse sua efetivação, provavelmente seus filhos e outras crianças daquela localidade não teriam alguma possibilidade de acesso à educação escolar. Ressalta-se que, segundo a personagem Helena, devido à longa distância entre a casa da família e a vila onde estava localizada a escola, “[...] só de caminho vai o dia todo.” (00:09:52). Isso exemplifica, por um lado, descompassos entre a existência da lei e o seu cumprimento, como destacam Xavier, Ribeiro e Noronha (1994). Por outro lado, há que se considerar as implicações da insuficiência, da inexistência ou do fechamento de escolas no/do campo (BARCELLOS et al., 2020; MORAES, 2014; SILVA; MORAES; TORRES, 2015).

⁸ A questão da educação escolar como fator de ascensão social é recorrente em canções associadas ao rural ou ao campo, como, por exemplo, nas músicas popularmente conhecidas como regionais, sertanejas, caipiras, modas de viola, dentre outras denominações.

⁹ O rádio, no momento retratado no filme, parece importante para informação e entretenimento de povos do campo; exemplo disso é que Francisco vai cobrar o prefeito com base em notícia ouvida no rádio. O rádio está presente em diversas cenas de quatro dos cinco filmes analisados, talvez porque esse aparelho não necessariamente depende de energia elétrica, e também pela maior capacidade de recepção de sinal em áreas longínquas ou montanhosas, se comparada à capacidade da televisão, à época, ainda não tão popularizada. Naquele momento estava ativo o “Projeto Minerva”, um programa “educativo”, de transmissão obrigatória em rede nacional pelas emissoras de rádio brasileiras (CASTRO, 2007).

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

Destaca-se uma cena em que Francisco aparece vigiando disfarçadamente o trabalho da professora, possivelmente *enviada* pela Prefeitura. Essa cena remete a apontamentos de Almeida Júnior, então Diretor do Ensino do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 1936, p. 197), que ressalta que havia um “[...] contraste entre a cultura da professora e a do roceiro que a hospeda.”, o que poderia ter diversas implicações, tanto para as relações pessoais quanto para o processo de ensino e aprendizagem em circunstâncias como essas.

Segundo Marcílio (2005, p. 174-175), “O professor deveria começar sua carreira pela escola isolada rural [...]. Só depois de cumprido um determinado tempo poderia ser ele removido para uma escola urbana.” Ou seja, numa analogia possível, as escolas no campo funcionavam, ainda que não deliberadamente, como uma espécie de laboratório pedagógico, o que corrobora com o argumento de que a educação para os povos do campo era de qualidade inferior à educação propiciada a determinados setores das populações urbanas.

Almeida Júnior (SÃO PAULO, 1936) aponta problemas das escolas primárias rurais entre 1935 e 1936. Algumas dessas escolas apresentavam – os excertos entre aspas conservam a grafia da época – “dificuldade de acesso”, sendo necessário, em determinados casos, viagem de cerca de 32 horas, em diferentes meios de transportes, como, por exemplo, caminhão, cavalo, burro e parte do trajeto a pé, para que o professor pudesse chegar à escola. Além disso, essas escolas e seus professores encontravam-se em “situação de dependência” em relação aos fazendeiros e seus administradores.

A rigor, um percentual expressivo do quadro docente de escolas rurais era composto por mulheres, fato que gerava outras implicações relacionadas à questão de gênero. Não raramente, as professoras ficavam hospedadas em um “quarto esburacado, também depósito de arreios”, não sendo possível sequer a comunicação com suas famílias. Portanto, as condições de trabalho docente em escolas primárias rurais eram mais precarizadas, se comparadas a escolas urbanas. Ressalta-se que vários desses problemas ainda são presentes e recorrentes em algumas regiões do país, o que gera impactos negativos para a educação escolar dos povos do campo

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

(CUNHA, 2012; MORAES, 2019; SILVA; MORAES; TORRES, 2015; TORRES; SILVA; MORAES, 2014).

Especialmente nas circunstâncias retratadas nesse filme, era comum que crianças economicamente pobres fossem enviadas à escola até que aprendessem a escrever e a ler o próprio nome, momento em que eram interrompidas as suas trajetórias escolares, pois sua mão de obra era fundamental para a economia doméstica. Segundo Almeida Júnior (SÃO PAULO, 1936, p. 199-200), “A escola do bairro pobre e afastado, quando existe, vae vegetando, tristonha, durante annos e annos, sem nenhum effeito. Os caipiras a frequentam, aprendem a ler, sáem, esquecem. Vem outra turma que por sua vez aprende e por sua vez esquece.”

O filme permite inferir a importância dos conhecimentos escolares em diversas circunstâncias e por diferentes motivos. A falta de domínio desses conhecimentos por Francisco e seus filhos resultou em situações constrangedoras ou mesmo potencialmente perigosas para eles.

Numa delas, Francisco, durante o ensaio de uma música, é questionado por um de seus filhos sobre o significado da palavra “nação”. Francisco desconhece o significado dessa palavra e, aparentemente desconcertado, manda os meninos prosseguirem com o ensaio.

Em alguns casos, a ignorância sobre determinados assuntos gera constrangimentos de diversas ordens. Ressalta-se que, não raramente, o termo ignorante é utilizado como uma espécie de ofensa ou de xingamento, com conotação de rude, bruto, chucro, rústico, não urbanizado. Nesse sentido, destacam-se também expressões populares, tais como, “falta de educação” e “sem educação”, que remetem à falta da educação escolar ou da cultura letrada. Além disso, destaca-se a tendência de essa condição ser mecanicamente associada ao “homem pobre rural”, tanto por não morar na cidade quanto pela sua condição em termos de escolaridade. Cenas de alguns filmes de Mazaropi contribuem para ilustrar essa situação. A forma como o delegado de polícia trata Quinzinho – “Ignorante!” –, no filme “Tapete Vermelho”, também ilustra isso.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

Noutra cena, os meninos conseguem uma oportunidade de se apresentarem em um programa de rádio. O locutor pede para que eles, antes de entrarem ao vivo no programa, cantem um trecho da música, que, num determinado ponto, diz: “[...] viva as Forças Armadas e a sua tirania [...]” (00:28:22). O apresentador ordena a interrupção da música e questiona sobre esse enunciado; pergunta se eles não sabem que o Presidente do Brasil é um militar. Francisco e seus filhos são motivo de risadas por não saberem o significado da palavra “tirania” e também por não saberem que o país era governado por militares.

Diante desse incidente, os meninos perderam a oportunidade de se apresentarem na rádio. Se não passassem pela verificação prévia do trabalhador da rádio, possivelmente teriam gerado complicações não só para si, mas também para esse trabalhador e para a emissora de rádio, haja vista a censura vigente, imposta pela ditadura civil-militar. Naquela conjuntura, considerando a praxe daquele regime de governo, eles poderiam ter sofrido sanções, além de outros graves riscos.

No trajeto de retorno da rádio para a casa, aparentemente constrangidos pela impossibilidade de apresentação, um dos meninos diz a Francisco: “Fique triste não, pai. Como a gente ia sabê? Uma palavra tão bonita dessa [...], tirania” (00:29:03).

O título do filme já fornece indícios da ideia de protagonismo que o diretor constrói em torno de Francisco. Por isso, talvez, o destaque para o empenho de Francisco para conseguir a instalação de uma escola no sítio em que eles moravam. Na economia do filme, essa cena parece ter o objetivo de reforçar ainda mais a apresentação de Francisco como personagem heroico e visionário. Entretanto, o filme passa uma visão de educação que se limita à profissionalização, visão essa que, provavelmente, fez com que muitas crianças e adolescentes do campo não fossem enviados à escola, ou então fossem dela retirados tão logo aprendessem a escrever e a ler o próprio nome, pois, além da inviabilidade econômica para permanência na escola, considerando-se perspectivas mais conservadoras, o “homem pobre rural” não precisa dos conhecimentos escolares, já que, por exemplo, o manejo de animais e de enxada demanda majoritariamente – se não exclusivamente – trabalho braçal.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

2.5 “Vida de menina”

“Vida de menina” (2005), dirigido por Helena Solberg, é, entre os selecionados, o filme em que mais aparecem imagens e menções à escola. Isso decorre do fato de que o roteiro é baseado no livro intitulado “Minha vida de menina”, resultante do diário de Helena Morley (MORLEY, 1998), no qual são registrados momentos da vida da autora entre os 13 e 15 anos de idade, na década de 1890, quando ela era normalista, em Diamantina, na então Província de Minas Gerais. Portanto, a escola e os conhecimentos escolares faziam parte de seu cotidiano. Naquele momento histórico, o curso Normal, destinado à formação de professores das Escolas Normais e Complementares, era considerado, para os padrões da época, um nível elevado de ensino. O fato de o roteiro ter sido baseado no mencionado diário talvez tenha contribuído para a alta incidência de aparições da escola, bem como de cenas envolvendo a leitura e a escrita. No entanto, independentemente disso, a diretora do filme poderia, se assim decidisse, priorizar outros aspectos que não esses.

Nesse filme existe uma especificidade a ser relevada, que é a incidência de aparições do prédio da escola – o “Externato e Eschola Normal” –, bem como de seus ambientes internos, além de serem apresentados, também, momentos de aulas. São recorrentes, também, menções ou imagens retratando momentos ou atos que envolvem a leitura e a escrita, seja na escola seja fora dela. A personagem que representa Helena Morley tem uma relação intensa com cadernos e livros, que chegam a ser levados até para seus passeios no campo.

Na década de 1890, em Minas Gerais, existiam apenas oito Escolas Normais, cujo acesso – para fins de matrícula e de estudo – era restrito. Em âmbito nacional, até a década de 1880, existiam apenas 22 Escolas Normais (TANURI, 2000), comumente destinadas a um público que não as frações mais precarizadas das classes trabalhadoras.

Diferentemente dos demais filmes, num primeiro momento, a relação de Morley com a leitura, com a escrita e com a escola parece ser menos pragmática, ou seja,

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

não se trata de uma relação com vistas à profissionalização ou à obtenção de recursos financeiros, nem mesmo algo que decorresse unicamente de uma obrigação escolar. Parece haver, como pontuado, uma espécie de relação afetiva de Morley para com os cadernos e os livros. Em alguns momentos, Morley é mostrada apreciando o cheiro de livros e cadernos, além de, em outras situações, ser apresentada contemplando cadernos expostos na vitrine do “Empório do Motta”, chegando, juntamente com seu primo, a cometer um “pecado capital”, qual seja, o furto de um caderno nesse empório. O caso de Morley remete a apontamentos de Bourdieu (1974) sobre a questão do *habitus* e do capital cultural. Lembra, também, relatos de Sartre (1970) sobre sua relação com os livros durante sua infância.

Todavia, destaca-se que Morley é descendente de uma família com relativo poder aquisitivo e distinto capital cultural escolar, ainda que vivenciando momentos difíceis em termos financeiros, pois seu pai, um inglês, lidava com mineração de diamantes, atividade em franca decadência naquela conjuntura, segundo Morley. Porém, quando o pai de Morley desiste da mineração e vai trabalhar como empregado, ela entende o curso de normalista como uma possibilidade de conseguir emprego para ajudar economicamente a sua família.

No entanto, o filme sugere que as populações mais pobres, como, por exemplo, as crianças ou jovens negras descendentes de ex-escravizados¹⁰, não são escolarizadas, pois elas não são mostradas na escola, nem mesmo em situação de leitura ou de escrita. Isso reitera que, no Brasil, independentemente do momento histórico, ainda que com algumas variações, a educação escolar do “homem pobre rural” foi marcada pela incipiência, pela morosidade, pela insuficiência, pela inconstância, pela inadequação e pela precariedade.

3. ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES

¹⁰ Como apontado, o diário de Morley é da década de 1890, momento próximo da Lei Áurea, datada de 1888.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

A partir do objetivo e dos critérios estabelecidos neste texto, o filme que se destaca pela presença de imagens e/ou de falas relacionadas à escola e/ou à educação escolar é “Dois Filhos de Francisco” (2005) e o filme que se destaca pela ausência é “Eu, tu, eles” (2000).

Entretanto, a rigor, “Vida de menina” (2005) é o filme em que a temática da educação escolar é mais recorrente, tanto em termos de imagens quanto de menções orais. Porém, há que se considerar que a família representada no filme não é a típica família pobre rural, como nos demais filmes selecionados.

Em “Os Narradores de Javé” (2004) a leitura, a escrita e a ciência perpassam o filme. Em “Eu, tu, eles” (2000) somente em uma cena há menção à escola, porém, os personagens não aparecem situações de leitura e de escrita. Em “Tapete vermelho” (2006) há cenas em que se faz uso, bem como menções à leitura, à escrita e à escola. Contudo, nesses três filmes não há imagens que mostram ou remetem aos típicos prédios escolares.

Destaca-se, por outro lado, que é recorrente nos filmes selecionados a presença de prédios de igrejas, talvez, entre outros motivos, por ser uma instituição presente praticamente em todas as localidades do Brasil, haja vista a tradição católica instituída oficialmente no país, desde os primórdios da inconclusa tentativa de conquista por portugueses.

Considera-se oportuno apresentar alguns questionamentos, visando contribuir para aprofundamentos ou novas problematizações, porém, sem a pretensão de respondê-los neste texto, não só pelo objetivo estipulado, mas, principalmente pelos desafios que a tentativa de resposta implicaria.

Até que ponto, para determinados espectadores, esses filmes naturalizam a ausência, a prescindibilidade ou a não concretização do direito dos povos do campo, mais especificamente do “o homem pobre rural”, à educação escolar?

Poderiam, ainda, esses filmes sugerir que é *normal* ou inerente aos povos do campo a condição de analfabeto? Até que ponto isso reiteraria históricos estereótipos

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

em relação ao “homem pobre rural” como atrasado e ignorante, por ser considerado desinteressado e hostil ou mesmo por prescindir da educação escolar para a vida no campo?

Tentando não incorrer numa espécie de etnocentrismo pedagógico, destaca-se que educação escolar, mesmo não sendo panaceia para todos os problemas sociais, não é uma questão de menor importância, ao invés (SILVA, 2015). Numa sociedade grafocêntrica/alfabética, historicamente marcada por hierarquias sociais verticais, o não domínio dos conhecimentos escolares, em especial da leitura, da escrita e do cálculo, tem ou pode ter diversas implicações, como, por exemplo, relacionadas ao exercício de determinados direitos, a possibilidades de emprego, ao *status* social, à fruição de algumas modalidades de manifestações artístico-culturais, dentre outros fatores.

Historicamente o “homem pobre rural” foi preterido, em relação aos trabalhadores urbanos, em variados aspectos de políticas levadas a termo pelo Estado brasileiro na área da educação escolar, o que teve diversos desdobramentos, entre eles a restrição ao voto. Conforme Coutinho (2008, p.123-124), contingentes expressivos das classes trabalhadoras, “[...] como é o caso dos trabalhadores rurais, [foram] excluídos não só dos direitos sociais, mas também – graças à proibição do voto aos analfabetos – dos direitos políticos.”

Segundo Tolentino (2001), no cinema brasileiro, o rural incomoda, e o “homem pobre rural” é apresentado de maneira estereotipada. Considerando esses argumentos, questiona-se: ocorreria algo análogo com a escola? Qual a representação das populações, em especial de estratos mais precarizados das classes trabalhadoras, acerca da escola e da educação escolar? Se, de uma perspectiva hegemônica, o cinema é apresentado unicamente como entretenimento, seria a escola – por conseguinte, a educação escolar – considerada algo desagradável ou penoso, portanto, inviável de ser mostrada em produções audiovisuais com finalidades de entretenimento, exceto em situações estereotipadas ou pejorativas, a exemplo do que ocorre em determinados programas televisivos ditos humorísticos?

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

A presença ou ausência da escola tem ou pode ter implicações que extrapolam as relações estritamente pedagógicas, mesmo porque a educação escolar oficial é indissociável da sociedade que a concebe. Para além da concepção hegemônica de educação, que, majoritariamente, visa à formação profissional, a educação escolar é, em alguns casos, condição necessária para a participação ou para o usufruto de determinadas manifestações artístico-culturais, como, por exemplo, o cinema legendado e a literatura. O domínio dos conhecimentos escolares, em especial a leitura, a escrita e o cálculo – cuja incumbência do ensino é oficialmente da escola – é fundamental, se não indispensável, para determinadas atividades, especialmente em sociedades grafocêntricas/alfabéticas, como o Brasil.

Os filmes selecionados apresentam algum nível de consonância com apontamentos da história da educação brasileira. Em “Vida de menina” (2005), a presença recorrente de uma escola, à época, imponente e bem estruturada, na vida de uma menina de uma família relativamente abastada em termos financeiros e com relativo domínio dos conhecimentos escolares. Em “Dois filhos de Francisco” (2005), a presença de uma escola precária e improvisada, conseguida após a iniciativa de Francisco de cobrar do prefeito o cumprimento da lei, e que se configura como uma educação empobrecida para pessoas economicamente pobres. Nos demais filmes, a ausência da escola, bem como o entendimento da educação escolar como algo estritamente pragmático e relacionado a uma espécie de profissionalização, também parecem guardar algum nível de consonância com o que aponta a história da educação, mais especificamente a história da educação rural (MORAES, 2014; 2019; XAVIER; RIBEIRO; NORONHA, 1994). Partindo de apontamentos de Santos (2002), ressalta-se que as ausências também fornecem relevantes indícios sobre determinados fenômenos sociais, e abordá-las é uma forma de torná-las presentes.

Por isso a importância de se considerar a educação como necessariamente decorrente e vinculada à sociedade que a concebe. Seja em termos de conteúdo, seja em termos de forma, a educação oficial é concebida para, não sem contradições e resistências, reproduzir a ideologia e a visão de mundo hegemônicas na sociedade. Isso talvez ajude a explicar porque a educação escolar destinada aos povos do campo

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

foi, além de inadequada, historicamente preterida e, de certo modo, aquém da educação propiciada a populações urbanas. De uma perspectiva hegemônica, o campo e o “homem pobre rural” foram/são entendidos como se, *naturalmente*, vivessem para trabalhar e para produzir em função da cidade e das suas populações. Há que se considerar que a produção de alimentos tem uma função importante na questão da denominada cesta básica dos trabalhadores, portanto, na regulação salarial das classes trabalhadoras. Isso remete à questão da divisão hierárquico-vertical do trabalho, bem como do dualismo entre campo e cidade, tema presente em debates de movimentos de trabalhadores desde meados do século XIX (WILLIAMS, 1989).

Reitera-se a pertinência do aprofundamento dos estudos sobre a educação dos povos do campo, assim como seus desdobramentos teórico-práticos. A educação (a ser) propiciada aos povos do campo foi e continua a ser objeto de disputas, intensificadas na atualidade, quando movimentos sociais de trabalhadores disputam com outros segmentos sociais, em especial com o agronegócio, a hegemonia da educação no/do campo. Essas disputas envolvem, direta ou indiretamente, variadas áreas sociais, inclusive a arte e suas linguagens, portanto, o cinema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados levantados neste estudo, constatam-se, com especificidades relativas a cada filme, ausências da escola e/ou da educação escolar, bem como presenças, porém, majoritariamente pautadas por concepções consoantes com o pensamento hegemônico na sociedade brasileira acerca do campo, inclusive no que se refere à dicotomia e à relação hierárquico-vertical entre campo e cidade, o que tem implicações políticas, econômicas e culturais, especialmente para a área da educação escolar.

A consonância entre aspectos dos filmes selecionados e a história da educação brasileira pode ter um caráter de mútua complementação, inclusive para análises e problematizações de determinados fenômenos sociais, como, por exemplo, a

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

representação da educação escolar (a ser) propiciada aos povos do campo. Considerando-se apontamentos de Tolentino (2001), no cinema brasileiro, o campo e o “homem pobre rural” são associados ao rústico, ao atraso, em oposição às populações e às áreas urbanas, apresentados como sinônimo ou materialização da ciência, do progresso e do moderno.

Ressalta-se a potencialidade da arte e suas linguagens, mais especificamente do cinema, não só como entretenimento, mas também como fator de formação ampliada e de emancipação humana, inclusive pela possibilidade de despertar novas sensibilidades em diversos sentidos, como, por exemplo, éticos e estéticos. Assim como o cinema é, independentemente – em determinados casos – da intencionalidade dos diretores dos filmes, mobilizado para criar ou reiterar determinados estereótipos, pode igualmente ser usado para problematizá-los, com vistas à promoção de avanços rumo a uma sociedade mais justa e democrática.

O momento atual – marcado, por um lado, por diversos retrocessos nas políticas sociais para o campo, e, por outro, pela iminência de duas décadas da instituição das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo – é oportuno para aprofundamento de debates e de iniciativas em torno da Educação do Campo, haja vista a intensificação de políticas conservadoras (em termos políticos, econômicos e culturais), políticas essas que implicam efetivos ou potenciais retrocessos em termos de direitos conquistados pelos povos do campo, em especial na área da educação escolar.

À pergunta “no cinema brasileiro o ‘homem pobre rural’ estuda?”, a resposta, por ora, é: depende!

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA (ANCINE). **Filmes Brasileiros Lançados - 1995 a 2011**. Disponível em: <http://oca.ancine.gov.br/filmes_bilheterias.htm>. Acesso em: 7 nov. 2012.

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Antimanual del mal historiador**. O ¿como hacer hoy una buena historia crítica? 18. ed. Ciudad de México: Contrahistorias, 2014.

ALMEIDA JÚNIOR, Antonio Ferreira de. Os objetivos da escola primária rural. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 29-35, jul. 1944. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1701/1325>>. Acesso em: 12 set. 2012.

BARCELLOS, Luis Henrique dos Santos *et al.* Limites e desafios da educação inclusiva no campo: a experiência do projeto educativo do MST. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 5, p. e10660, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/10660> Acesso em: 12 jul. 2021.

BERNSTEIN, Henry. **Dinâmicas de classe da mudança agrária**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, R. S. *et al.* (org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

CARRAHER, Terezinha Nunes; CARRAHER, David; SCHLIEMANN, Analucia Dias. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1988.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república e outros ensaios**. Edusp: Bragança Paulista, 2003.

CASTRO, Márcia Prado. **O Projeto Minerva e o desafio de ensinar matemática via rádio**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/edmat/mp/dissertacao/marcia_prado_castro.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Contra a corrente**: ensaios sobre democracia e socialismo. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CUNHA, Rodrigo. População urbana aprofunda desigualdades entre escolas do campo e da cidade. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, n. 135, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=74&id=922&tipo=0>>. Acesso em: 15 set. 2013.

DAL RI, Neusa Maria; VIEITEZ, Candido Giraldez. **Educação democrática e trabalho associado no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e nas fábricas de autogestão**. São Paulo: Ícone: FAPESP, 2008.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. Condições de instrução da infância: entre a universalização e a desigualdade. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; SOUZA, Rosa Fátima; PINTO, Rubia-Mar Nunes (org.). **Escola primária na primeira república (1889-1930)**: subsídios para uma história comparada. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012. p. 329-351.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Primeiros dados do Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=00>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARTINS, José de Souza. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 31- 36, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a04.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2012.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Narradores de Javé. Letramentos do povo de Javé. **Tela Crítica**, Marília, v. 5, p. 1-8, 2008. Disponível em: <http://www.giovannialves.org/telacritica/NarradoresDeJave.htm> Acesso em: 20 abr. 2014.

MORAES, Agnes Iara Domingos. **A circulação das ideias do Movimento pela ruralização do ensino no Brasil (1930-1950)**. 2019. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

MORAES, Agnes Iara Domingos. **Ensino primário tipicamente rural no Estado de São Paulo**: um estudo sobre as Granjas Escolares, os Grupos Escolares Rurais e as Escolas Típicas Rurais (1933-1968). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

MORALES, Lúcia Arrais. Um mundo distópico: “Quanto vale ou é por quilo?”. **Baleia na Rede**, Marília, v. 1, n. 7, p. 140-152, 2010. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/viewFile/1504/1308>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOTA, André. Higienizando a raça pelas mãos da educação ruralista: o caso do Grupo Escolar Rural do Butantan em 1930. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 32, p. 9-22, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n32/02.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2012.

PALUDETO, Melina Casari. **As diretrizes programáticas e a política educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

PERES, Marcos Augusto de Castro. Velhice, educação e exclusão no semi-árido nordestino: analfabetismo e miséria social nos sertões do Rio Grande do Norte. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS, 7., 2012, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2012. p. 1-10. Disponível em:

<http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/5865_Peris_Marcos.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2012.

PINTO, Antonio Henrique. Base Nacional Comum Curricular e o Ensino de Matemática: flexibilização ou engessamento do currículo escolar. **Bolema**, Rio Claro, v. 31, n. 59, p. 1045-1060, dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v31n59a10>
Acesso em: 13 set. 2020.

REIS FILHO, Casemiro. **A educação e a ilusão liberal**: origens da Escola Pública Paulista. Campinas: Autores Associados, 1981.

RIBEIRO, Marlene. Educação rural. In: CALDART, Roseli Salete *et al.* (org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 295-301.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em:

http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF
F Acesso em: 15 set. 2010.

SANTOS NETO, José Leite dos. **Discursos sobre o homem do campo**: alguns olhares vindos do cinema. 2011. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação e da Saúde Pública. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo**: 1935-1936. Organizado pelo Prof. A. Almeida Júnior, Director do Ensino por ordem do governo do Estado. São Paulo: Typ. Siqueira, 1936.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação e da Saúde Pública. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo**: 1936-1937. Organizado pelo Director do Ensino por ordem do governo do Estado. São Paulo: Typ. Siqueira, 1937.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

SILVA, Cláudio Rodrigues da. Nas ondas de uma rádio: a educação como panaceia no discurso de quem diz fazer um Brasil melhor. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 14, p. 30-40, 2015.

SILVA, Cláudio Rodrigues da; MORAES, Agnes Iara Domingos; TORRES, Julio Cesar. Fechamento de escolas e implicações para a educação dos povos do campo. In: SICCA, Natalina Aparecida Laguna; DAVID, Alessandra. (org.). **Diálogos na educação básica**: políticas, currículo e discurso. Curitiba: CRV, 2015, p. 29-53.

SOTO, William Héctor Gómez. A crise da sociologia rural no Brasil e suas tradições teóricas. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 11, p. 257-288, 2006.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

SOUZA, Bruno Lacerra. 'Eu, Tu, Eles', de Andrucha Waddington (Brasil, 2000). **Revista de Sociologia e Cinema**, Marília, v. 08, 2012. Disponível em: <http://www.giovannialves.org/telacritica/telacritica08revista.htm> Acesso em: 20 abr. 2014.

SOUZA, Rosa Fátima. **Alicerces da pátria**: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 61-88, mai./ago. 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_06_LEONOR_MARIA_TANURI.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2012.

TEIXEIRA, Roberto Aparecido. **Representações da periferia no cinema brasileiro**: do neorealismo ao hiper-realismo. 2012. 239 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/teixeira_ra_me_mar.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2012.

TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. **O rural no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

TORRES, Julio Cesar; SILVA, Cláudio Rodrigues da; MORAES, Agnes Iara Domingos. Escolas públicas no campo: retrospectiva e perspectivas em um contexto de projetos políticos em disputa. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 8, p. 262-272, 2014.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado; RIBEIRO, Maria Luísa Santos; NORONHA, Olinda Maria. *História da educação*: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.

WELCH, Clifford Andrew. Conflitos no campo. In: CALDART, R. S. *et al.* (org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 143-152.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; NIENOV, Gisele. Escola Normal Rural e seu impresso estudantil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45, p. 81-105, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n45/a05n45.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2012.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Filmografia

DOIS FILHOS DE FRANCISCO: A HISTÓRIA DE ZEZÉ DI CAMARGO & LUCIANO.
Direção: Breno Silveira. Produção: Luiz Noronha; Leonardo Monteiro de Barros; Pedro Buarque de Hollanda e Breno Silveira. Intérpretes: Márcio Kieling; Thiago Mendonça; Ângelo Antônio; Dira Paes; Paloma Duarte e outros. Roteiro: Patrícia Andrade e Carolina Kotscho.

O “HOMEM POBRE RURAL” ESTUDA? – ESCOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM FILMES BRASILEIROS DA DÉCADA DE 2000 QUE ABORDAM O RURAL

Agnes Iara Domingos Moraes e Cláudio Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro: Conspiração Filmes, 2005. (132 min.).

EU, TU, ELES. Direção: Andrucha Waddington. Produção: Andrucha Waddington e Flávio R. Tambellini. Intérpretes: Regina Casé; Lima Duarte; Stênio Garcia; Luiz Carlos Vasconcelos; Nilda Spencer; Diogo Lopes; Helena Araujo; Iami Rebouças; Lucien Paulo e outros. Roteiro: Elena Soarez. Rio de Janeiro: Conspiração Filmes, 2000. (104 min.).

OS NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani. Intérpretes: José Dumont; Gero Camilo; Rui Resende; Luci Pereira; Matheus Nachtergaele; Néelson Dantas; Néelson Xavier e outros. Roteiro: Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu. Rio de Janeiro: Bananeira Filmes, 2004. (102 min.).

TAPETE VERMELHO. Direção: Luiz Alberto Pereira. Produção: Ivan Teixeira e Vicente Miceli. Intérpretes: Matheus Nachtergaele; Gorete Milagres; Paulo Betti; Rosi Campos e outros. Roteiro: Luiz Alberto Pereira e Rosa Nepomuceno. São Paulo: Lapfilme Produções Cinematográficas, 2006. (102 min.).

VIDA DE MENINA. Direção: Helena Solberg. Produção: David Meyer. Intérpretes: Ludmila Dayer; Daniela Escobar; Dalton Vigh; Maria de Sá; Lígia Cortez; Camilo Bevilacqua; Souza Pinto; Benjamim Abras; Lígia Cortez; Lolô Souza Pinto e outros. Roteiro: Elena Soárez e Helena Solberg. Rio de Janeiro: Radiante Filmes, 2005. (102 min.).